

Lembro da primeira vez que vi uma mulher conduzindo um ônibus. Hoje isso parece algo pequeno até, mas lembro de minha estupefação. O espanto não era aquele temor estereotipado que, sempre que tem chance, ridiculariza mulheres ao volante, não.

O espanto era a felicidade de ver que as coisas, aos poucos, bem aos poucos mesmo, não vão só mudando, mas vão, principalmente, sendo mudadas. Quando imagino o dia-a-dia daquela mulher, tento imaginar a quantidade de comentários discriminadores e de desconfianças machistas aos quais ela é submetida frequentemente, tento imaginar o tamanho da motivação com a qual ela tem de se vestir todos os dias para driblar a intolerância (ainda que muita gente negue que haja intolerância) e continuar num lugar que, no Brasil, é cultural e predominantemente do homem: ao volante. Aquela mulher me lembra o dia internacional da mulher!

Que me desculpem as rosas, os discursos elogiosos e o clima de “dia das mães”, mas o real motivo do 08 de março, desde o primeiro a ser celebrado, não é a exaltação da maternidade, da fragilidade ou da beleza feminina. Muito menos é próprio desse dia esse quê de pontualidade que nos acostumamos a dar aos dias “comemorativos”. Mesmo que a historiografia divirja, é unânime que 08 de março foi instituído para lembrar à sociedade que mulheres precisaram e precisam lutar por direitos que não lhes são ou eram concedidos simplesmente por serem mulheres.

Parece que o dia internacional da mulher, que começou sendo o dia para lembrarmos das operárias de fábricas têxteis e que foi ganhando eco com lutas e conquistas feministas ao longo das décadas, foi midiaticizado. Hoje, é mais bonito parabenizar a mulher pelo seu dia do que lembrar que mulheres são agredidas, mortas e violentadas física, moral, linguística e historicamente todos os dias por serem ou por se identificarem mulheres.

